ISSN 2675-7281
Volume 04 - Nº 21, Junho/2023

[pós]CORPOS

revista pós-pornográfica de fotografia

Esta revista leva o selo DUOCU, formado pelos artistas Bruno Novadvorski & Chris, The Red
www.duocu.art.br

editorial

A edição de junho vem muito bem acompanhada de três pessoas incríveis e talentosíssimas. No ensaio principal, fotos minhas feitas pela fotógrafa Gabriella Mariotto, ainda em 2019, quando participei do seu projeto autoral Partes do Corpo que Falam. Fazia tempo que queria trazer uma edição com estas fotos, mas só agora, senti que era o momento certo de publicá-las e fico muito feliz de finalmente trazer

Direitos e Comprometimento:

As imagens constantes na [pós]CORPOS© são de autoria do seu criador – Chris, The Red – e por outros artistas que, gentilmente, as cederam para serem publicadas com as devidas permissões de direitos autorais.

A [pós]CORPOS© está comprometida com artistas e todos os direitos autorais estão reservados. Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do editor-chefe da [pós]CORPOS ou do artista.

Outras imagens – que possam ser utilizadas – são livres de direitos autorais. No entanto, se houver uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato.

São Paulo - SP

[pós]Corpos© é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski. [www.thered.com.br]
Volume 04, Nº 21, Junho/2023 (ISSN 2675-7281)
Edição e Redação Chris, The Red **Capa** Gabriella Mariotto (fotografia, 2019) **Ensaio Fotográfico Principal:** Gabriella Mariotto **Corpos Falantes:** Noah Cidreira Ribeiro **Retratos Pornossexualigráficos:** Alexandre Medeiros **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

estes registros desse momento tão lindo que tive com Gabriella. Na coluna Corpas Falantes, quem assina o texto Sobre Perdas e Acúmulos é Noah Cidreira Ribeiro. Uma escrita belíssima que muito mais sobre as perdas do processo é sobre diálogo e respeito aos nossos próprios caminhos. Por fim, em Ensaios Pornossexualigráficos, Alexandre Medeiros assina as belíssimas imagens de uma pessoa que amo muito e já transitou várias vezes aqui pela pós[CORPOS]: Rainnery Queercore. Um beijo a todas, todes e todos. Bem-vindes a mais uma [pós]CORPOS.

Chris, The Red
bixa designer gráfico artista visual
fotógrafo editor-chefe

Nota do editor
Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sinta-se ofendido. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização.

Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato: conexao@duocu.art.br

ARS SEXUALIS '23

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ARTES VISUAIS'23
DECOMPOSIÇÕES ARTÍSTICAS (ECO)INTERSECCIONAIS
:
OUTRAS PRÁTICAS CORPORAIS E SEXUAIS

INSCRIÇÕES DE 02:MAIO A 09:JUNHO:2023

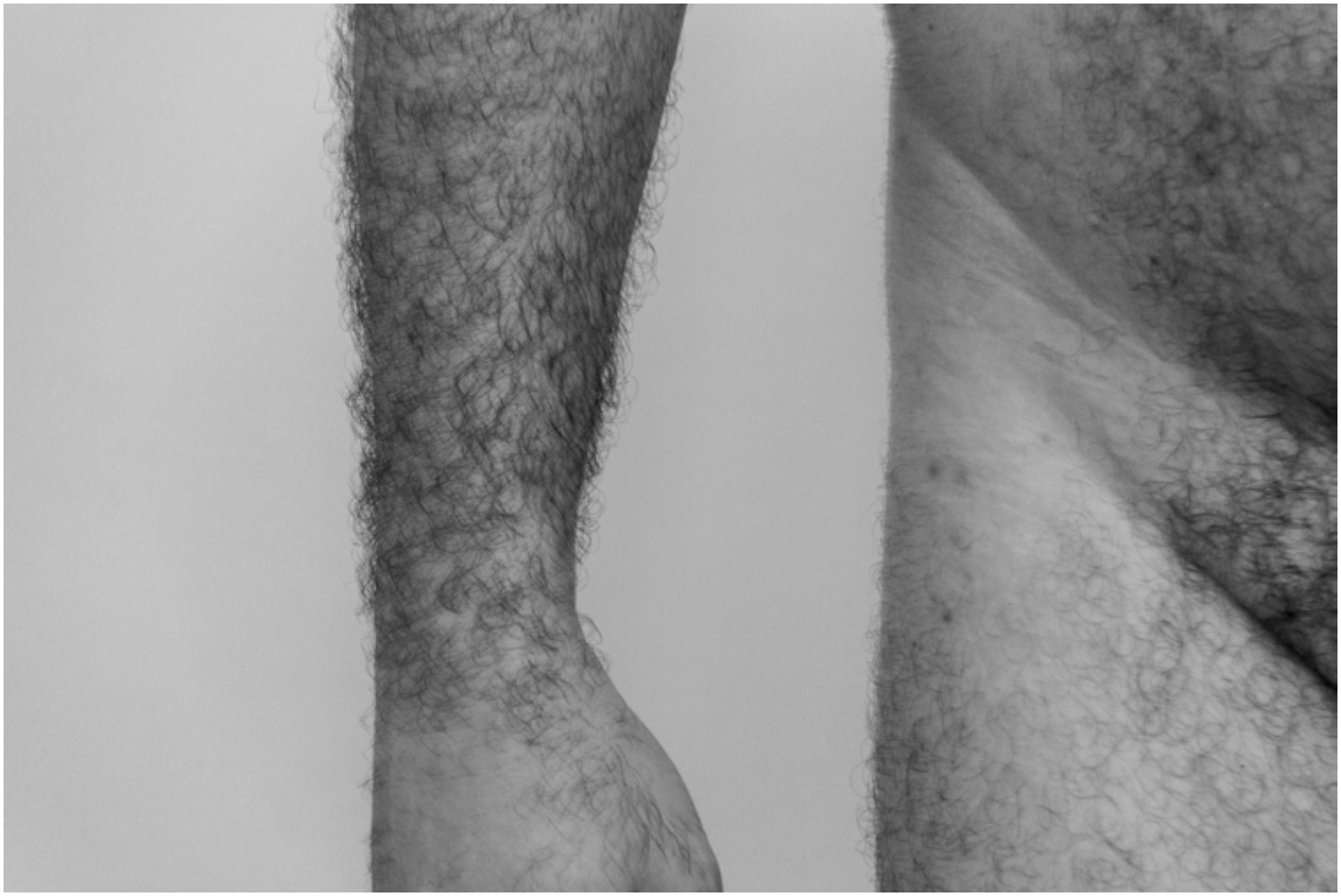
EDITAL DISPONÍVEL EM ARSSEXUALIS.COM.BR

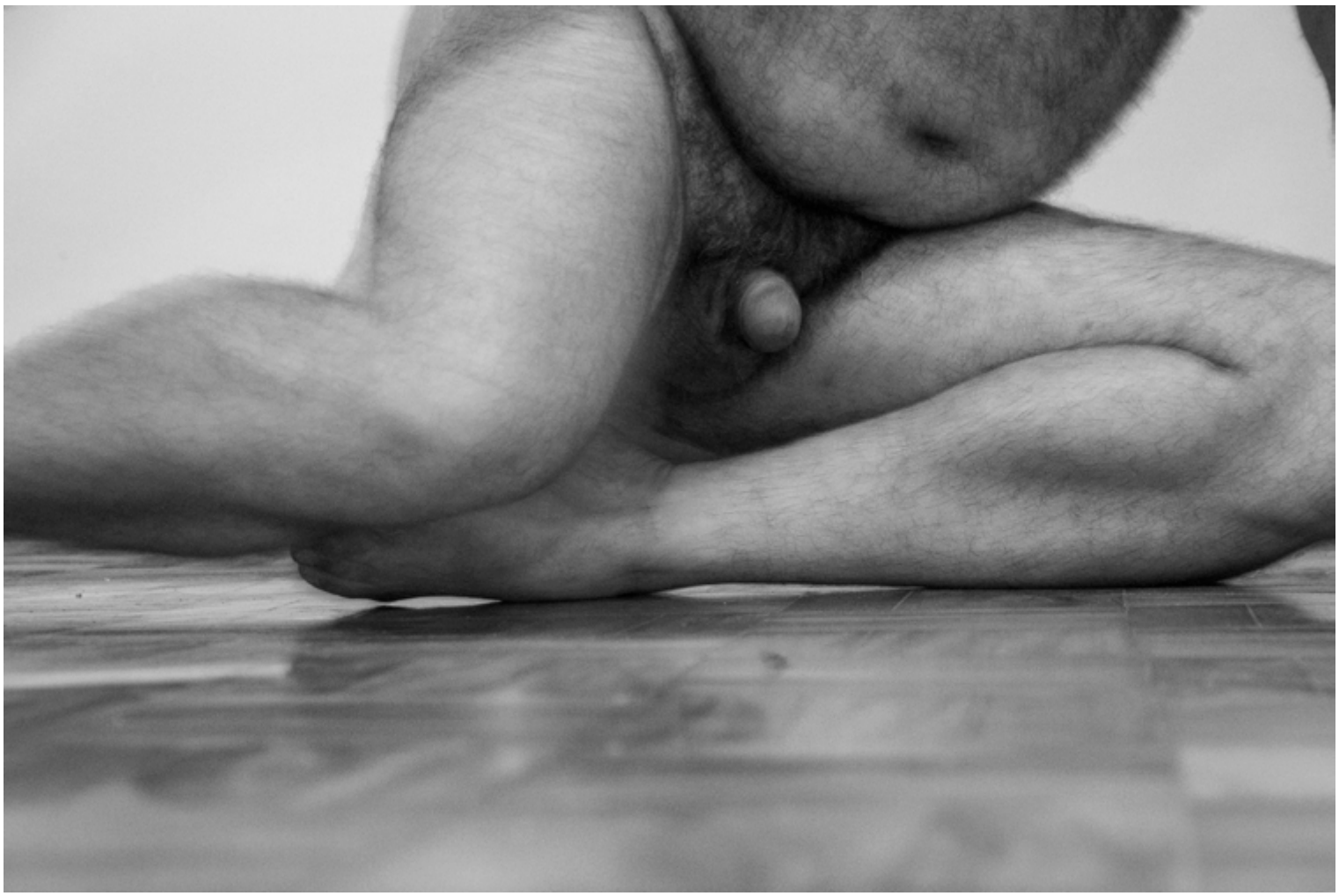
APOIO

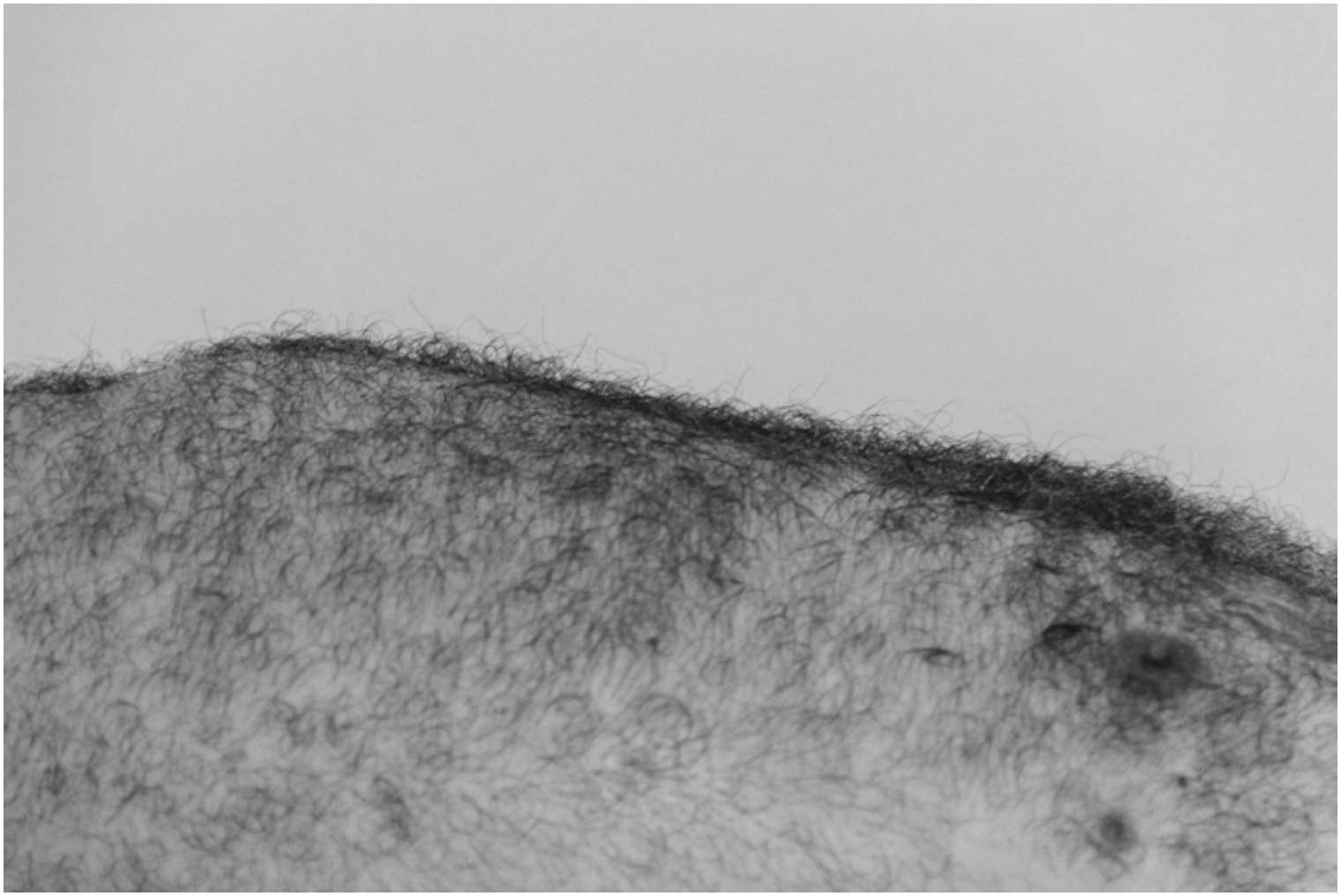
Agradecimentos
Alexandre Medeiros
Gabriella Mariotto
Noah Cidreira Ribeiro

Partes do Corpo

por Gabriella Mariotto







Gabriella Mariotto. Fotógrafa brasileira, nascida em São Paulo, desenvolveu seu interesse pelo corpo por meio da dança em 1990, formada em fisioterapia (2005), técnico de dança (2008) pela ETEC de Artes de São Paulo, por meio de diferentes cursos de fotografia analógica, digital, ampliação e revelação vem se dedicando aos estudos, pesquisas e divulgação da cultura corporal e suas expressões Através da fotografia desde 2008. Realizou diversos trabalhos como oficinas, palestras e exposições para diferentes públicos. Continua atualizando-se com a graduação/licenciatura de artes visuais. O projeto Partes do Corpo que Falam traz em suas obras a amplitude dos sentidos que perpassa o corpo, ignora as fronteiras do significado uma ampliação da esfera do ser ao entrelaçar movimento, fragmento, tempo e espaço como um novo paradigma. O corpo está arraigado em nosso dia a dia, faz parte de um pano de fundo, as partes do corpo são um processo acumulativo de histórias que refletem nossa personalidade. As obras Partes do Corpo que Falam nos convida a montar, desmontar, juntar, separar e compreender a vida através das partes corporais.

@gabriellamariotto

@partesdocorpo

[pós]CORPOS: Chris, The Red
Fotografia: Gabriella Mariotto
Espaço: São Paulo/SP, 2019

CORPAS FALANTES

Sobre Perdas e Acúmulos

Noah Cidreira Ribeiro

Nasci no dia 23 de agosto de 1992.

Meu avô materno morreu no dia 23 de agosto de 2014.

Minha avó se divorciou do meu avô no dia 27 de setembro, dia do seu aniversário.

Maria Thereza era devota de São Cosme e Damião. Figuras gêmeas: datas gêmeas, acontecimentos em pares.

Minha avó não faleceu no dia do meu aniversário nem no dia do aniversário de ninguém.

Minha certidão de nascimento retificada saiu no dia do aniversário do seu primeiro filho, morto ainda bebê.

Ela me deixou um broche, um bibelô dourado em formato de tesoura, daquelas antigas cuja alça forma um arabesco no vértice.

Presa à alça, uma miniatura da miniatura da tesoura-broche, igualmente cheia de detalhezinhos. Quando criança,

ela me deixava segurar nas mãos, mas nunca me deixou usá-lo, apenas pouco antes de falecer, me chamou para perto e disse:

"acho que não vou mais sair daqui, aquele broche é seu agora."

Nunca foi uma mulher de muitas coisas, a minha avó.

Não tinha a fixação em acumular objetos e fazer coleções como eu. Eu sempre fui apegado a objetos, mesmo perdendo as coisas com uma frequência de alguém que é bastante disperso.

Em alguns momentos, cheguei a colecionar com preciosismo digno de um museólogo, restaurador experiente, impecável mantenedor de um museu de preciosidades: bonecas de porcelana, roupas antigas, sapatos de todas as cores, broches de séculos passados,

bolas de gude, canetas...

Fui diagnosticado como uma pessoa que vive em extremos, entre a completa apatia, desprendimento e apego absoluto que se refletem em todas as perdas e acúmulos que configuram o padrão elementar da minha vida.

Gostaria de manter as coisas e perder o diagnóstico. Mas perdi o tempo, perdi a memória, perdi a tesoura-broche e fiquei com a contradição.

Um dia a perda é algo natural e me desprendo de uma coleção com facilidade franciscana. Outro dia, no entanto, perder é como me diluir e escorrer pelo chão, evaporar sob o efeito do tempo (perdido) e do ar (sufocante).

"Cuidado com o que você deseja ou com o que você estuda" disse Caio, um amigo meu quando contei o acontecido[1].

1 RIBEIRO, Noah C. In Perdas e Acúmulos, Unb, 2019.

Sobre perder e acumular, imagino que trata-se de um movimento cíclico de desconstrução e assimilação de identidades. Como disse Judith Butler, tornar-se quem se é. É sobre fazer uma alusão ao conceito negro e ancestral da palavra sankofa que, em uma interpretação livre do seu significado no idioma Akan, significa algo próximo ao ditado Yorubá que se refere à *Esù*: matar um pássaro ontem com uma pedra que se joga no hoje. Posso citar uma infinidade de aforismos para tentar traduzir com a tecnologia da linguagem alfabética o sentido intuitivo e emocional que perdas e acúmulos têm para mim.

Penso que, as experiências dissidentes do pensamento branco-ocidental, cis-hetero-alo, diádico, colonialista e capacitista podem encontrar na sabedoria ancestral das religiões de matriz africana, bem como no oriente, palavras mais assertivas sobre a experiência de si.

Quando fui atravessado pelo questionamento do Professor Leandro Colling sobre uma diferença entre a escrita de si e a confissão de si, não pude deixar de puxar um fio da memória sobre Santo Agostinho (2017), que em suas "Confissões", escreveu sobre os mecanismos da lembrança e do esquecimento, o que constitui a memória e como perder conteúdos está muito relacionado à reprimi-los, não elaborá-los, tanto de uma perspectiva emocional quanto da linguagem.

Tiro do meu processo como artista que pensar com palavras é diferente de sentir o indizível. Gosto de fazer essa separação entre as etapas da cognição, que podem ser não-verbais, podem ser cognições das sensações e das imagens. Depois, tentar materializá-

las para serem acessíveis à *outres*[2]. Esse mecanismo de tirar de dentro de si e colocar para fora como cognição ampliada de significados no ambiente externo e no outro, por meio do texto ou da imagem, me faz sentir que ao produzir qualquer coisa, também estou abrindo mão de mim.

Desfazer para fazer, fragmentar para montar, parir sentidos para se fazer real no mundo.

A primeira memória em que me recordo de ter meu movimento interditado aconteceu aos cinco anos. Eu iria participar de um acampamento escolar e ao chegar, deparei-me com a impossibilidade de ficar no quarto dos meus amigos por uma norma de separação de gênero. Depois deste evento, adotei uma postura raivosa: já que não me permitiam performar a minha identidade conforme meu desejo, eu iria acabar com qualquer fantasia que tentassem me fazer acreditar.

Noah aos quatro anos, 1996. Acervo nosso.

Corri pelos jardins da escola puxando as saias das atrizes fantasiadas de princesas gritando que eram mulheres comuns. Agarrei o rabo de um homem vestido de dragão para provar às outras crianças que era uma fantasia de pelúcia. Ao final do dia, acabei cedendo, cansado de tentar fazer todes se sentirem tão deslocades quanto eu.

2 Linguagem neutra.

Foi naquele dia que parei de gostar de rosa, uma cor que antes eu compartilhava com meu pai, que gostava de falar que vestia rosa também como forma de me aproximar dessa cor, contudo, depois que meu irmão nasceu, cessou de usar roupas nesse tom.

O mais absurdo nessa memória de infância, foi que o quarto do acampamento das meninas era completamente rosa, já o dos meninos, azul. Talvez eu tenha imaginado esse detalhe, mas o resultado se deu comigo indo para o quarto rosa, brincar de boneca e usar maquiagem infantil. Somente muitos anos mais tarde, descobri que a suposta verdade sob a qual eu deveria viver sem questionar, era um gênero criado para me apartar de mim.

A fantasia não fazia parte do mundo das princesas e dos dragões, era o meu próprio mundo e dos meus pais, que me obrigavam a vestir uma roupa de gênero e me mover com pernas-de-pau em uma casa de bonecas apertada, vigiada, por olhos gigantes de um rosto Cis Concervador Inconsistente e Superficial.

A Cisgenereidade que **conserva** os sentidos do mundo sempre os mesmos.

A Cisgenereidade é **inconsistente** porque inventa regras e normas sociais de performatividade arbitrárias, condiciona corpos à gesticular seus trejeitos e cria vocabulários para designar papéis que se modificam a serviço do capital, mas continuam, como embalagens renovadas que contém os mesmos produtos, à significar as mesmas coisas.

A Cisgenereidade é **superficial** já que nunca se volta para o passado ou para o futuro, apenas gira em torno de si, até que fica tonta e se auto proclama natural, eterna, real.

Auto-etnografia

Como artista visual transmasculino intersexo e autista, precisei rever a escrita de mim muitas vezes. A cada descoberta de uma nova identidade que me foi sistematicamente tolhida, antigas memórias passaram a trazer outros conteúdos. Com isso, a escrita talvez tenha se tornado um registro de um estado de ausência de mim mesmo, um não-eu.

Ailton Krenak ensina que a **produção** de uma pessoa é muito diferente de **moldar** alguém:

> Todos nós temos uma transcendência e, ao chegarmos ao mundo, já somos (...) Quando atuamos no sentido de incidir sobre o design original de um ser, seja ele humano ou não, e formatá-lo para que ele tenha alguma utilidade, estamos incorrendo em uma violência sobre o percurso que ele já está habilitado a percorrer aqui na terra.
> (KRENAK, Ailton, Futuro Ancestral, 2022. p 94-95)

Em vista deste lugar moldado de latino, brasileiro e colonizado, escrever também se torna uma poética de desmolde. Me questiono se a escrita de si se justifica como método de pesquisa que me situa diante do meu tema, ou é um processo dialético de ficcionalização, das fantasias vividas pelo escritor, com fins de ajudá-lo a construir proposições, ideias, mundos possíveis?

Essa indagação advém de uma experiência própria de buscar descascar as camadas de ficção que foram acumuladas sobre a minha identidade e compreender o passado, à luz de conteúdos mais competentes, para organizar um discurso sobre quem eu sou, o que me move e como posso me situar no Brasil, sendo um dissidente das normas sociais de sexo, gênero, neurotipicidade e religião.

Narrativa auto-biográfica

Posso contar a minha história de muitas maneiras. Aqui, separei por linhagem, para ficar mais fácil entender os padrões, privilégios e violências que marcaram a micropolítica familiar, bem como os afetos e valores definidores da cultura que me formou.

Mãe.

Na família materna, todos desenhavam. Meu avô era um artista autodidata. Ele desenhava nas horas vagas, era aquele desenhista de bar. Rabiscava em guardanapos e no trabalho, retratava a própria mão no verso de notas avulsas que emitia para a sua fábrica de roupas. Ele mesmo desenhava e criava os moldes para a confecção das peças e posterior distribuição às marcas de varejo da época.

Minha avó o auxiliava, supervisionando as costureiras, desenhando moldes e reproduzindo à mão padrões em crochê, vagonite, linhas e tramas. Talvez o broche de tesoura seja um dos objetos com os quais criei afeto porque contém a lembrança dos meus avós por meio de suas profissões.

"Diagrama para perdas e acúmulos", 2019. Acervo Nosso.

Mas não era só o broche, ela tinha uma tesoura de verdade, de um modelo antigo, feita especialmente para costureiras, que tinha seu nome gravado na lâmina. Eu também fiquei com essa após a sua morte e foi o sentimento do gelado desta ferramenta em contato com a minha pele que me emocionou mais, porque herdar uma tesoura me pareceu um presente das próprias Moiras, a ferramenta de Átropos, a inevitável, que fecha os olhos dos seres humanos.

Minha avó se separou na década de 80 e passou a viver conosco quando eu tinha 15 anos, em 2007. Era judia, assim como meu avô, mas tinha práticas religiosas oriundas das mais diversas crenças. A vi falar de feitiços, dar banhos de folha, enterrar os umbigos dos bebês depois de guardá-los em tecidos de algodão e fazer promessas para os santos católicos, além do seu caruru de aniversário, que guardo deliciosas memórias e hoje virou um compromisso da minha mãe, em homenagem à ela.

Pai.

Minha família paterna preservou boa parte da sua história por meio da transmissão oral. Meu avô era maçom, bruxo e pai de santo, por isso, produziu na família um aspecto ritualístico em que toda ação possuía um significado oculto. Os velórios e as datas comemorativas eram performáticos e a maioria dos assuntos familiares eram tratados com secretismo.

Na década de 1970 duas das minhas tias mais velhas se juntaram ao movimento secundarista estudantil e à UNE (União Nacional dos Estudantes), sendo perseguidas e suas identidades divulgadas como terroristas. Uma delas desapareceu por 15 anos, a outra esteve presa por dois anos depois de ser detida na operação papagaio, durante o evento da guerrilha do Araguaia.

"Diagrama familiar para mulheres fortes", 2019. Acervo Nosso

Quando eu tinha cerca de oito anos, minha tia começou a falar sobre esta época e a casa dela passou a ser visitada por jornalistas. Eu me escondia para escutar as entrevistas e decorava o que era dito. As palavras me atravessavam como verdades geladas. Um mundo cujo acesso era negado a mim e o desejo de conhecer a dor e o luto de um passado perdido, de uma batalha vencida, de uma juventude ceifada, crescia em meu peito.

Minha tia disse que seu pai se despediu dela diante de um ônibus em Brasília, que a levaria para o Araguaia com o objetivo de se juntar ao acampamento do partido, com a seguinte frase: "Que parta. Tudo passa, o integralismo passou, a ditadura também vai passar". Ele sabia que talvez não a visse novamente, assim como muitos pais ficaram sem sequer a possibilidade de recuperar os corpos dos jovens mortos na guerrilha, mas não tentou impedi-la, acompanhou-a e compreendeu que mesmo

que ele entendesse o curso dos acontecimentos, ela precisava vivê-los e não podemos interferir na forma como a vida se apresenta para cada pessoa. Cabe ao guerreiro lutar, ao estudioso aprender, ao místico desvendar.

Além de ser uma figura excêntrica e de notório respeito, meu avô era surdo. O homem que eu conheci, anos depois desse episódio em Brasília, falava pouco, estava sempre sentado em sua cadeira de rodas e flertava com os perigos da diabetes: me persuadia a roubar broas de milho na cozinha em troca de me ensinar a fazer truques de mágica com moedas maçônicas brilhantes, com símbolos sedutores, que me provocavam uma agitação eufórica no peito, como se o mundo pudesse ser verdadeiramente moldável e eu não precisasse ter que me adequar a mover-me de um jeito pré-determinado e desconfortável.

A casa dos meus avós era um palácio mágico onde eu podia brincar com objetos preciosos e me mover livremente entre seus significados. Ninguém se importava comigo vestindo os panos da minha avó, seus anéis e colares. Eu criei a memória de ser um bruxo como o meu avô, afinal, maçons usam aventais, broches, anéis, colares, bordados, fios dourados. Pais de santo vestem contas e batas, têm estátuas que são como bonecas e colocam velas em altares que parecem pequenas casinhas de brinquedo.

Quando meu pai foi iniciado no templo de ísis, me senti renegado e ao mesmo tempo orgulhoso. De todos os nove filhos que meu avô teve, apenas meu pai, o caçula, decidiu honrar seus rituais. Mas eu me via como um corpo que não perpetua, estéril para acolher a magia que minha criança sonhava.

Arte.

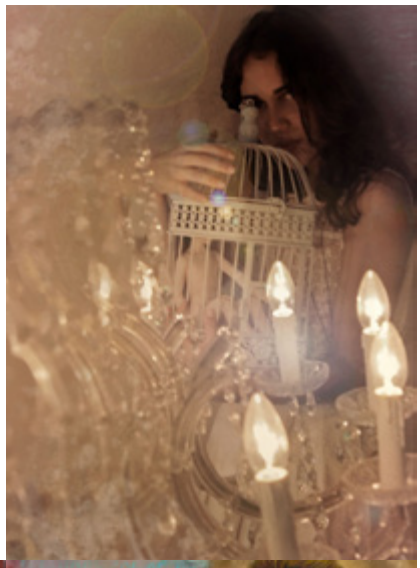
A história da minha família pavimentou a estrada para que eu pudesse percorrer um caminho artístico. Penso que ao me permitir conhecer as subjetividades das outras pessoas consigo me abrir à possibilidade de me deixar contaminar.

Em um movimento contrário à alteridade, me retratei em diversas obras, buscando no outro o que era reflexo de mim mesmo, um processo que me desafiou ética e emocionalmente, pois quando contei como vi os outros, falei sobre meu próprio reflexo e quando pedi para que falassem de si, deixei que me definissem, a ponto de, ao finalizar meu trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais em 2016, não saber-me trans, mas ainda assim, tinha produzido uma série de imagens de modelos transgêneres e estava às voltas com a possibilidade de estar falando sobre algo que não era meu, mas que me era tão próximo como se fosse.

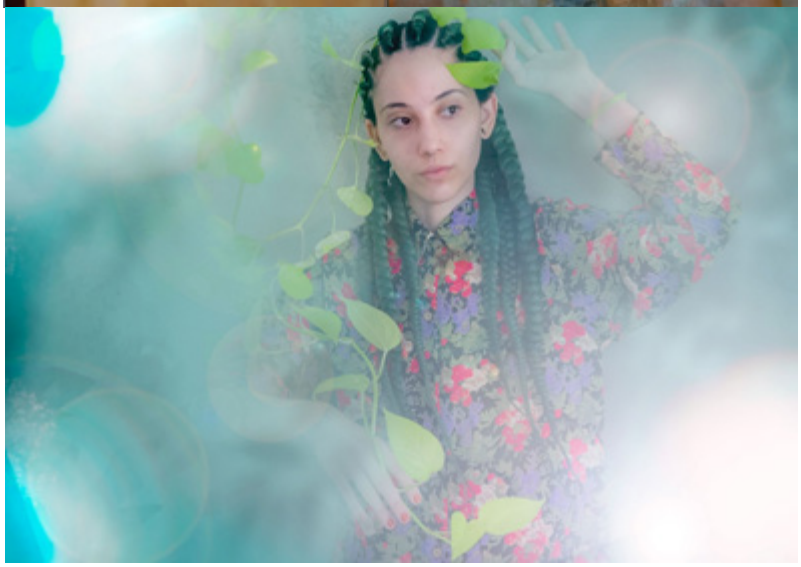
Eu já estava buscando no campo extraposto, às questões de gênero e sexualidade que me escapavam.

"Retrato do meu pai", 2015. Acervo Nosso.

Vivenciei o luto dos meus avós paternos logo na infância, do meu avô materno na graduação e avó materna no mestrado. Esses acontecimentos serviram como força motriz de uma indignação que buscava incansavelmente por respostas. Era inexorável lidar com a morte por meio da arte. O objeto de estudo se modificou e passou a ser uma cartografia da minha memória, em um movimento de questionar quem eu sou, o que constituiu a minha identidade e como eu poderia despir-me dos dogmas e crenças passados de geração em geração para ser uma versão mais verdadeira de mim e produzir conhecimento com mais autenticidade.



A escrita do trabalho de conclusão de curso em artes e a produção das obras que resultaram na exposição de formandos (in) constante (2014), Brasília, foi o ponto de partida para uma série ainda em curso em que produzi pinturas e retratos misturando os desejos estéticos e narrativas des retratades com as minhas subjetividades e questionamentos acerca do gênero binário. As imagens ao lado são de modelos que não seguem conformidades de gênero em que se auto-declararam, respectivamente, andrógino, travesti e agênero.



Série Laços relatos e correlatos, 2014 - em continuidade. Acervo nosso.

Inevitavelmente, me vi como um homem trans enjaulado no corpo de uma jovem, ao pintar o modelo Agnaldo de vestido segurando um boneco nu, ou como uma travesti em estado de euforia no começo do tratamento hormonal, como Azriel, meu parceiro, envolto em névoa e trajando a roupa da sua avó.

Concluindo... Roupas

No mestrado, passei dois anos me vestindo como a Marilyn Monroe. Fiz ensaios fotográficos em locais abandonados. As imagens se tornaram um diário de travessia entre identidades. Nunca fui uma menina e muito menos uma mulher, parecia que eu estava atuando diariamente. Fingir ser Marilyn me fez ter coragem. Se não fosse esta pesquisa de mestrado eu não teria alcançado a transparência que tenho hoje com o meu trabalho.

Descobri que há uma grande ocorrência de intersexualidade em certos povos judeus. O irônico disso tudo foi pensar que, sendo meus avôs, bisavôs e pai, maçons, a maior parte dos eventos impactantes na minha vida eram carregados de valores simbólicos, atribuídos por uma tradição hereditária masculina e cercada de segredos que as mulheres se orgulhavam de proteger e até fazer parte, sem conhecer.

Ainda que houvesse respeito pela autonomia individual dentro da cultura familiar, que viabilizou o acesso à universidade e a influência política das mulheres, eu não fui tratado como uma criança intersexo. Cresci acreditando que todas as inúmeras, incontáveis sensações e até mesmo questionamentos sagazes que eu sentia e fazia, eram fantasias e alucinações minhas.

"Último suspiro, lágrimas de pólen" 2013.
Fotografia de Natasha de Albuquerque. Acervo nosso.

"Último suspiro, lágrimas de pólen" 2013.
Fotografia de Natasha de Albuquerque. Acervo nosso.

A intersexualdade se uniu à urgência de revisitar os meus aportes teóricos, minha trajetória artística, pela primeira vez, entendi que muito do que debati e criei em matéria de arte, tratava-se do produto do meu ser inteiro, que tentava desesperadamente trazer à superfície a informação, que a muito tempo tinha sido esquecida, de que eu não era nem homem nem mulher.

Na minha carreira, passei por quase todas as letras da sigla LGBTQIAP+. Essa experiência foi dolorosa, mas também trouxe uma potência enorme para a minha obra. As buscas por entender o feminino e o masculino, suas operações, alquimias e simbolismos, só encerravam quando chegavam em mim.

Fui vítima da violência de gênero, do sistema binário, da administração compulsória de hormônios sintéticos, da negligência médica. Precisei lidar com o trauma adicional de dizer isso em voz alta e ver como a ferida de não poder exercer a experiência de si, sangra para a obra artística.

A roupa é um marcador social de gênero.

Meus avós cortavam o tecido para vestir as pessoas.

Minha mãe se orgulhava de desfilar com roupas costuradas para ela.

Ela me deu um terno de presente no natal de 2022.

O artista baiano, Luiz Marcelo, meu colega do grupo de pesquisa NuCus, disse que as roupas na performance como linguagem das artes visuais, são carregadas de intenções e simbolismos.

Em 2014, ganhei um edital de performance (COHEN, 2002) chamado “Tubo de Ensaio”, onde artistas apresentavam para os estudantes da Universidade de Brasília, os resultados de suas proposições artísticas e participação em oficinas oferecidas pelo evento. Como resultado de uma pesquisa em dança Butoh, que eu vinha realizando desde 2012, apresentei

uma obra que mesclava a música experimental em flauta doce da artista Ana Cesário, com a minha experiência com o artista Atsushi Takenouchi, discípulo do dançarino Tatsumi Hijikata.

Nesta ação, vesti uma das camisas que meu avô desenhou para si. Era como seu uniforme pessoal, sua marca no mundo, uma camisa de botões escolhidos na mesma cor do tecido, dois para apoiar bem o colarinho, dez seguindo o comprimento. Cuidadosamente costurada nas medidas do seu corpo, as mangas curtas para sustentar o calor dos trópicos. Dois bolsos largos, que cabiam perfeitamente um bloco de notas, uma calculadora e uma caneta. Ele usou este mesmo modelo de camisa por décadas.

A obra foi publicada na revista do evento, mas não foi divulgada nas redes sociais nem em vídeos e também não consta menção sobre ela nas plataformas do evento disponíveis na internet. Houve um momento em que fiquei nu.

É necessário por em diálogo o respeito à cada trajetória humana em sua singularidade e diferença, quebrar estereótipos e criticar o controle da narrativa sociocultural que ainda pertence à classe cis heterossexual, branca, diádica, neurotípica, ocidental, colonialista, capitalista.

Mesmo reconhecendo que haverá dificuldade, como penso que deve ser todo tema que vale à pena debater, acredito na verdade da travesti que discursa na obra "A casa assassinada" (1971), um filme de Paulo César Saraceni, baseado no livro de Lúcio Cardoso:

> A razão está do meu lado, você vai ver!
> Não há verdade que não venha à tona.
> Afinal meu deus, tanto faz a gente se vestir dessa ou daquela maneira! Houve um tempo em que eu achei que eu devia seguir o caminho de todo mundo! Apertava-me em gravatas, exercitava-me em conversas banais, até o dia que eu percebi que eu não podia continuar. Por que seguir as leis comuns?
> Se eu não era comum? Por que me fingir igual aos outros? Se eu era totalmente diferente! Minhas roupas são uma alegoria... Quero erguer para os outros a imagem da coragem que eu não tive e esta é a única liberdade que possuímos integral, a de sermos monstros para nós mesmos.
> (CARDOSO, apud SARACENI, 1971)

Apenas vestindo a mortalha, é possível compreender o verdadeiro significado do luto, pois o peso de vestir-se é composto pelo sentido primordial da nossa existência: o fim inevitável e a sucessão.

Bibliografia:

AGOSTINHO, Santo. Confissões: Capítulo 10. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

KRENAK, Ailton, Futuro Ancestral, São Paulo: Companhia das letras. 2022.

COHEN, Renato. Performance como Linguagem: Criação de um tempo-espaço de experimentação. - 1 ed. - São Paulo: Editora Perspectiva, 2002

COLLINS Collins, Patricia Hill. Interseccionalidade [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge ; tradução Rane Souza. - 1.ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.

FOSTER, Hal, O Artista Como Etnógrafo. Revista do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais EBA UFRJ: Rio de Janeiro, 2005.

LORD, Catherine; MEYER, Richard, Art & Queer Culture. Phaidon Press: Londres, 2013.

MACHADO, Irene. História dos meios segundo seus efeitos. In: Vieses da comunicação: Explorações de Marshall McLuhan. São Paulo: Annablume, 2014.

POSTMAN, Neil. El humanismo de la ecología de los medios. In: Ecología de los medios. Entornos, evoluciones e interpretaciones. Barcelona: Gedisa, 2015.

REBOUÇAS, Patrícia. Diários da Ditadura. In WayBAckMachineOrg: Internet Archive. Disponível em: https://encurta.link/YYpEjJ Acesso em: 17/04/2023.

RIBEIRO, Noah C, Laços Relatos e Correlatos. Universidade de Brasília: Brasília, 2016.

_____, Noah C. Perdas e Acúmulos: Linhas tortuosas que conectam assuntos de uma poética em fotografia. Universidade de Brasília: Brasília, 2019.

_____, Noah C. O último suspiro com lágrimas de pólen in Tubo de ensaio: Revista do Projeto Experimental de Arte e Performance. Ano 1 N1. Brasília: Coronário editora, 2015.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. In: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. A invenção das mulheres. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

SARACENI, Paulo César, A casa assassinada, 1971. 1h e 44 mim. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HxklFHWCR7. Acesso em: 07/09/2019.

TAYLOR, Diana. Historizando a performance. In: TAYLOR, Diana. O arquivo e o repertório. Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura, 2 ed. São Paulo: Cosacnaif, 2007.

Noah Cidreira Ribeiro é é doutorando em Cultura e Arte pelo programa interdisciplinar em Cultura e Sociedade (Pós-cultura) da Universidade Federal da Bahia(UFBA), mestre em Poéticas Transversais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília (UNB). Integra o grupo de pesquisa" Para dilatar o tempo: experiência, narrativa visual e o alargamento do dispositivo fotográfico" e o Núcleo de pesquisa e extensão em Culturas Gêneros e Sexualidade, NuCus . É Bacharel em Artes pela Universidade de Brasília com formação concluída em 2016. Foi professor substituto no programa de teoria, crítica e História da Arte da Unb e fez parte dos coletivos Corpos Informáticos, Residentes Volantes e 40 antenas. Possui exposições em galerias do Brasil e Exterior, com obras publicadas em revistas nacionais e internacionais.

@corvosrosas

https://linktr.ee/noaharte

Obras de Noah

Amor Abortado
Xilogravura
32 x 45 cm
2013

Durchamp em entropia
Cianótipo
29 cm x 42 cm
2017

ENSAIOS PORNOSSEXUALIGRÁFICOS

Sem Título

por Alexandre Medeiros

Alexandre Medeiros. Fotógrafo e filmmaker brasileiro, nascido em 1976, que trabalha com temas relacionados ao erótico/ pornográfico desde final dos anos 90. Participou de vários Festivais & Mostras de filmes, como MIX BRASIL, Porn Film Festival Berlin, Porn Film Festival Vienna, San Francisco Porn Film Festival, Athens Porn Film Festival, Post Porn Film festival Warsaw, Excéntrico - Muestra Internacional de Pornografias Críticas, entre outros.

@dirtyalexandre

@divinaexmachina

https://pinklabel.tv/on-demand/studio/alexandre-medeiros/

[pós]CORPOS: Rainnery Queercore
Fotografia: Alexandre Medeiros
Espaço: São Paulo/SP, 2021

Tem um ensaio pornossexualigráfico (pornográfico, erótico, pós-pornográfico, explícito, metafórico e afins)? Envie seu ensaio entre 05 a 10 imagens e se ele for aprovado, será publicado em uma das edições da [pós]CORPOS.

Acesse e preencha o formulário:
https://forms.gle/Fsbu8BpnWDDGu3iYA